RECURSOS CARTOGRÁFICOS TÁTEIS NO ENSINO DO LUGAR (FEIRA DE SANTANA): DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Juliana Oliveira dos Santos¹; Solange Lucas Ribeiro²

1. Bolsista FAPESB, licenciada e bacharelada em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: julli_121@hotmail.com
2. Orientadora, professora do Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: solucars@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Lugar/Feira de Santana. Tecnologia Assistiva. Mediação Pedagógica.

INTRODUÇÃO

Os instrumentos jurídicos que tratam da inclusão de pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), representam um grande avanço social, pois gradualmente têm assegurado o direito à educação para grupos minoritários e excluídos do processo educacional. Nesse sentido, os mesmos primam, sobretudo, pela escolarização dos educandos em classes regulares, para que tenham a oportunidade de participarem ativamente de todas as etapas do processo educativo, colaborando na aquisição de capacidades sócio-adaptativas, facilitando sua aprendizagem e contribuindo para redução da discriminação.

A Educação Inclusiva é um desafio à sociedade para incluir alunos com NEE nas escolas regulares. Entretanto, a palavra inclusão vai além de inserir o aluno na escola regular, passando, principalmente, a garantir as condições necessárias à aprendizagem e à permanência dos sujeitos no ambiente escolar. É um chamado para o desenvolvimento de estratégias de intervenção pedagógica que condizam com a realidade e as necessidades dos alunos.

Cabe destacar que o termo pessoas com NEE é amplo, abrange tanto aquelas que têm dificuldades acentuadas ou limitações proeminentes, bem como as superdotadas, dentre outras. Assim, não se limita às pessoas com deficiência, mas também contempla aquelas que necessitam de maneira temporária ou permanente do Atendimento Educacional Especializado (AEE), ou seja, um conjunto de atividades e de recursos de acessibilidade e pedagógicos que visam a complementar ou a suplementar o processo educacional dos alunos nas classes regulares (BRASIL, 2008).

No processo educacional de pessoas com NEE, as Salas de Recursos Multifuncionais são espaços muito relevantes, pois dotada de infraestrutura como: mobiliário, profissionais e equipamentos propiciam a realização do AEE e favorece o ensino e a aprendizagem dos alunos.

O processo de inclusão é condicionado por uma série de fatores, mas o recorte aqui é na flexibilização curricular, que consiste em adaptar o currículo de modo a valorizar as habilidades, atender as singularidades e respeitar as dificuldades dos alunos, promovendo o acesso ao mesmo. Nessa direção, a inclusão implica em adaptação/reestruturação do ambiente e da cultura escolar para que possam atender ao educando, contemplando suas especificidades, de modo que os mesmos possam desfrutar da sua vida educativa. (GLAT e BLANCO, 2007).

A Tecnologia Assistiva (TA), é uma grande aliada na flexibilização curricular, pois é uma área de conhecimento interdisciplinar que ultrapassa a ideia de artefato,

ferramentas, produtos e engloba metodologias e estratégias de ensino voltadas para a promoção da funcionalidade de pessoas com deficiência, mobilidade ou capacidade reduzida, visando sua independência, autonomia, qualidade de vida e inclusão social (CAT, 2007c *apud* GALVÃO FILHO, 2009). Por isso, propicia uma mediação pedagógica voltada para a acessibilidade e inclusão, apesar de ser pouco pesquisada, divulgada e empregada como instrumento de ensino, até mesmo nos ambientes acadêmicos.

No universo da TA, assume destaque a Cartografia Tátil, ou seja, um ramo específico da cartografia que se ocupa da confecção de mapas e outros recursos cartográficos táteis, com objetivos educativos e/ou facilitadores da orientação e mobilidade para pessoas cegas ou com baixa visão (RIBEIRO, 2012). Além disso, pesquisas já apontam para a importância de tais recursos na escolarização de pessoas com síndrome down, transtorno do espectro autista, entre outros. Loch, (2008), sinaliza que a Cartografia Tátil também objetiva estudar metodologias de elaboração e aplicação de documentos cartográficos. Nesse sentido, o estudo e a difusão dos recursos cartográficos táteis são muito relevantes, porque no campo da Geografia trabalhar a cartografia é um desafio para professores e alunos, sobretudo para estudantes com Deficiência Visual (DV), que pela falta do sentido visual e de recursos táteis tem o seu direito de aprendê-la subtraído.

É comum pessoas com DV se depararem com obstáculos que impedem ou dificultam a sua acessibilidade a lugares e informações, impossibilitando o exercício de sua cidadania. As barreiras se manifestam de variadas formas, sejam arquitetônicas, atitudinais até as informacionais e educacionais, (RIBEIRO, 2011). Contudo é necessário o enfrentamento das barreiras para que as pessoas com deficiência visual sejam alfabetizadas, cartograficamente, pois no mundo globalizado todos devem conhecer e compreender o espaço que os circundam, e a cartografia pode favorecer bastante.

A centralidade, no presente trabalho, foi estudar o Lugar (Feira de Santana) através dos recursos Cartográficos Táteis, pois a mesma têm se mostrado uma estratégia eficiente no processo de inclusão do aluno com deficiência visual nas escolas regulares.

Diante de diversas situações conflitantes, como a existência de legislação sobre inclusão, viabilidade de ensino e aprendizagem com recursos cartográficos táteis, bem como o grande contingente de alunos inseridos, mas não incluídos no processo educacional (BOURDIEU e CHAMPAGNE, 2001), é relevante estudar e difundir a cartografia tátil. Assim, é relevante a mediação de conteúdos voltados para o ensino do Lugar, categoria da geografia que, apesar de ser muito importante para entender a realidade local e global, ainda é pouco conhecida e ensinada. Além disso, o trabalho é pertinente por tornar os recursos confeccionados mais eficientes, pois foram testados pelos usuários diretos (aluno com deficiência visual e professores), permitindo aperfeiçoá-los e torná-los operacionais de acordo com as singularidades dos sujeitos. Ademais, proporciona um olhar reflexivo da prática docente, visando transformá-la (PIMENTA e GHEDIN, 2006).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Devido ao objeto de estudo basear-se num problema coletivo e que necessita de elementos que promovam uma mudança social, foi utilizada a pesquisa-ação, já que a mesma surge como alternativa ao desenvolvimento de estudos emancipatórios com a coprodução de conhecimento, reflexão e formação profissional, pois é realizada interativamente por pesquisadores e professores a fim de transformar determinada realidade educativa (IBIAPINA, 2008).

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, na qual os sujeitos foram ouvidos sobre as dificuldades de trabalhar com a cartografia, sobretudo os conteúdos voltados para Feira de Santana, devido a escassez de recursos voltados para o lugar (Feira de Santana). Além disso, foram realizadas oficinas para a confecção de recursos táteis e para a avaliação de tais materiais, pelo aluno com deficiência visual, os professores de Geografia e da Sala de Recursos Multifuncionais, numa escola regular. Nesse sentido, a problemática da pesquisa foi: “quais os desafios e possibilidades do uso de recursos cartográficos táteis no estudo do lugar, por professores de classes inclusivas e de alunos com deficiência visual?”.

Devido à especificidade do objeto de estudo (alunos com deficiência visual) a investigação ficou restrita a uma escola, já que outras em que estudavam alunos DV se recusaram a participar. A pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual do município de Feira de Santana, onde estudam alunos com deficiência visual. Os sujeitos da pesquisa, professores e alunos, foram indicados pela professora da Sala de Recursos Multifuncionais de referida escola. Fizeram parte 2 alunos com DV (uma cega e outro com baixa visão), 2 professores de Geografia e 1 professora da SRM.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na realização do trabalho ficou evidenciado que há muitas dificuldades tanto para o ensino como para a aprendizagem dos conteúdos cartográficos com os alunos com deficiência visual. As professoras atribuem tais dificuldades ao processo de formação inicial, que não as prepara para a inclusão, bem como a falta de banco de materiais adaptados que contemplem as especificidades dos alunos, além dos livros didáticos não contemplarem as pessoas com deficiência. Apesar das situações adversas, tanto as professoras de Geografia como a da SRM afirmam que os alunos com DV conseguem realizar as atividades, pois contam com o Centro de Apoio Psicossocial (CAP/DV), além da ajuda dos colegas. Entretanto, uma aluna com DV relata que ela fica sempre no “isolamento”, sentindo-se excluída na classe pelos colegas, contando com o suporte da SRM para realizar as atividades. Ribeiro (2016), afirma que a existência das SRM não assegura uma prática docente inclusiva. Esse fato pode ser explicado tanto pela falta de sensibilização e envolvimento de toda a comunidade escolar, como pela falta de conhecimento e preparo para trabalhar com tais recursos.

Com base em trabalhos realizados na escola campo da pesquisa para a identificação da existência de recursos táteis, nota-se que houve avanços em relação às adaptações curriculares para pessoas com deficiência. Além disso, os sujeitos mostram-se mais envolvidos em buscar estratégias metodológicas que propiciem o ensino e a aprendizagem de tais alunos. Abaixo seguem os materiais cartográficos táteis utilizados na pesquisa.

Figura 1: Mapas e Pirâmide Etária Táteis.

A- Regiões Brasileiras; B- Região Nordeste; C- Estado da Bahia com Localização do município de Feira de Santana; D- Limite de Feira de Santana; E- Distritos do município de Feira de Santana; F- Pirâmide Etária de Feira de Santana- 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gradual inclusão educacional de pessoas com NEE é uma grande conquista social e, ganha mais força através da incorporação de novas metodologias de ensino que valorizem as potencialidades das pessoas com deficiência. Para isso, a escola deve preparar-se para atender aos alunos com deficiência, pois é o meio mais eficaz para combater atitudes discriminatórias, oferecer e satisfazer de maneira mais adequada às necessidades desse público, para que tenham uma equidade de oportunidades. Além disso, a inclusão educacional da pessoa com deficiência contribui para a formação de uma sociedade mais igualitária, porque através de mudanças no ambiente físico, atitudinal e pedagógico, pode-se suscitar transformações e desmistificar a ideia equivocada de que as pessoas com deficiência são incapazes. É preciso reconhecer, antes de tudo, que elas têm potencialidades e só precisam que a escola e a sociedade lhes ofereçam as condições para desenvolvê-las.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Decreto nº 6571**. Brasília, 2008.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. **A miséria do mundo**. 4º ed, editora Vozes, Petrópolis, 2001.
- GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. **Tecnologia Assistiva para uma escola inclusiva: apropriação, demandas e perspectivas**. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2009.
- GLAT, Rosana; BLANCO, Leila de Macedo varela. Educação espacial no contexto de uma educação inclusiva. In: (ORG.). GLAT, Rosana. **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- IBIAPINA, Ivana Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro Editora 2008.
- LOCH, Ruth Emilia Nogueira. **Cartografia tátil: mapas para deficientes visuais**. Portal da Cartografia. Londrina, v.1, n.1, maio/ago., p. 35 - 58, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia>>. Acesso: Julho 2015.
- PIMENTA. Selma Garrido e GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2006.
- RIBEIRO, Solange Lucas. **Acessibilidade para a Inclusão na Escola: princípios e práticas** In: Revista Sitientibus, Universidade Estadual de Feira de Santana, n. 44 (jan/jun. 2011).
- _____. A interface Educação Geográfica e Inclusão de Alunos com Deficiência Visual: possíveis contribuições para representar e desvendar o espaço. In: PORTUGAL, J. F.; CHAIGAR, V. A. M. **Cartografia, Cinema, Literatura e outras Linguagens no Ensino de Geografia**. Curitiba, PR: CVR, 2012.
- RIBEIRO, Solange Lucas. Professores de Geografia: formação e práticas voltadas à diversidade. In: PORTUGAL, J. F; OLIVEIRA, S. S; RIBEIRO, Solange L. **Formação e Docência em Geografia: narrativas, saberes e práticas**. Salvador: EDUFBA, 2016.